

agressiva dirigida ao outro (não-eu/estranho), presentificando a intolerância e adentrando no campo mortífero de negação radical à castração, que impossibilita a abertura para a alteridade e reconhecimento de existências que diferem da formação imaginária que nega o furo, a incompletude estrutural. Com efeito, propomos um estudo teórico percorrendo os trabalhos freudianos e lacanianos no que tange aos conceitos de: narcisismo, intolerância, mal-estar, laço social, pulsão de morte, eixo imaginário e eixo simbólico. Os levantamentos teóricos possibilitaram uma demarcação da estruturação narcísica, incidida pelo campo imaginário que, na atualidade, vem sendo alimentada ferozmente pela lógica capitalista do imediatismo e do consumo como meios de solução ao mal-estar estrutural, em que se destaca a descartabilidade do outro, apreendido pela lógica eu/não-eu, a proliferação dos objetos vendidos a completar a falta, e o desinteresse decidido pelo campo da alteridade e a da operação inerente ao eixo simbólico. Desse modo, a problematização do espaço negado que o outro como alteridade (não-eu) representa na constituição do sujeito nos tem servido para elucidação dos fatores ligados a criação de grandes zonas de semelhança no âmbito social. As elaborações lacanianas sobre o campo do feminino e as consequências psíquicas dessa organização subjetiva (para ambos os gêneros), é uma contribuição conceitual que nos parece relevante desenvolver em articulação às propostas de cuidado à saúde no âmbito público, predominantemente orientadas por formas de ser, ou seja, um outro recurso aos encontros que reivindicam um lugar taxativo e alienante de identificação, que desembocam em reações de ódio, possibilitando uma abertura para a alteridade e buscando vínculos ordenados a partir da divisão psíquica que estrutura a todos os seres humanos.

Palavras Chaves: Psicanálise na saúde, cuidado psíquico, narcisismo; intolerância; alteridade.

DESAFIOS DA CONJUGALIDADE: DEVORAR OU RECONHECER?

André Borges (Formado em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo)

Tayná Grávio (Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo)

Ana Carolina Pina (Formada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Projeto FÊNIX-USP

Vínculo representa um laço responsável por unir pelo menos dois sujeitos, considerando elementos conscientes e inconscientes (como suas fantasias, ilusões e desejos). Em uma relação conjugal, muitas formas distintas de vínculo são possíveis. A escolha amorosa pode servir a uma busca por completude ou semelhança, a fim de evitar a falta e o sentimento de desamparo, levando a repetições de padrões de relação arcaicos. Mas pode ser também uma busca por reconhecimento mútuo; isto implica reconhecer o outro como um diferente, ser reconhecido pelo outro, e reconhecer-se a si mesmo. Este trabalho tem como objetivo investigar diferentes formas de vinculação conjugal, a partir do vértice teórico psicanalítico, e as formas como aparecem na clínica de psicoterapia de casais da respectiva orientação. Realizou-se uma revisão bibliográfica a partir da obra de autores da psicanálise, assim como de publicações retiradas de periódicos presentes nas bases de dados BVS e PubMed. A literatura aponta que a capacidade de reconhecer o outro vai além da empatia e da identificação, que geralmente possui bases

narcísicas, uma vez que o reconhecimento necessita de uma articulação das semelhanças e diferenças. Para isso, é preciso aceitar a alteridade do outro e seu lugar como diferente, isto é, sua posição como um ser independente, que escapa da completa compreensão. Quando no vínculo não existe espaço para essa alteridade, pode ocorrer um movimento de incorporação da subjetividade do outro, em que as marcas da existência do outro são devoradas ou aniquiladas. O não reconhecimento na relação conjugal leva ao surgimento de conflitos que abalam o vínculo; ao mesmo tempo, os conflitos são formas de mostrar a demanda por esse reconhecimento, e oportunidades para que o vínculo possa ser ressignificado.

Palavras chave: casal, vínculo, alteridade, reconhecimento.

O JOGO DO RABISCO DE WINNICOTT NO ATENDIMENTO A CRIANÇAS EM PERÍODO DE LATÊNCIA

Eliane Cristina Almeida Lima

Roseli Cantalogo Couto

Patrícia Rossi Carraro (Centro Universitário Estácio – Ribeirão Preto)

O período de latência é uma etapa do desenvolvimento infantil marcada por conflitos de socialização e de aprendizagem, no qual crianças necessitam superar fases anteriores. Relatos de psicólogos sugerem a utilização do Jogo do Rabisco como uma das técnicas psicanalíticas facilitadoras do vínculo terapêutico e manejo de resistências percebidas nesse período. Este Jogo se utiliza da associação livre através dos meios indiretos para acessar os conteúdos latentes, ampliando a observação psicanalista no atendimento. A literatura aponta que é no brincar, e somente no brincar, que a criança ou adulto podem ser criativos e utilizar sua personalidade integral e, somente sendo criativo, que o indivíduo descobre o eu (*self*). O jogo do rabisco proporciona as condições ideais ao aparecimento do espaço transicional entre psicólogo e criança, a fim de oportunizar a expressão de conflitos dos clientes ao terapeuta interessado em compreendê-los. Nesse sentido, a partir de revisão de literatura, este estudo objetivou compreender a eficácia da utilização do jogo de rabisco. Como instrumento metodológico realizou-se um levantamento bibliográfico nas bases de dados Lilacs, PePSIC, SciELO, no período de 2000 a 2016. Além disso, foram utilizados os livros de Winnicott. Foram encontrados 38 materiais, sendo utilizados 15 artigos, 2 monografias e 11 livros. Os resultados revelaram que as técnicas utilizadas pelos psicanalistas no atendimento infantil passam, geralmente, por jogos e brincadeiras. Logo no início, o terapeuta faz uso da caixa lúdica que representa o mundo interno infantil, ampliando para jogos de tabuleiro, cartas, desenhos-estórias, bonecos representando famílias, animais de fazendinha, massinhas. Através disso, Winnicott entende que a criança consegue dramatizar, associar, desenhar, modelar e brincar com seus conteúdos inconscientes, auxiliando nas projeções das fantasias. A eficácia da utilização do jogo do rabisco é comprovada quando o paciente traz, em forma de desenhos e escritas, seu inconsciente, aproximando-o da realidade. A partir dos desenhos obtidos, é possível adquirir recursos para uma intervenção mais completa e diretiva. Conclui-se que, ao usar desenhos e dramatizações, é possível ao analista acompanhar com mais detalhes a natureza das fantasias e ansiedades infantis. Participando ativamente do jogo, completando um rabisco, e este, ao final, sendo transformado em um desenho, a criança se vê como protagonista neste processo terapêutico. Contudo, mesmo o Jogo não sendo uma regra no atendimento, sua